

# PLATÃO

---

COORDENAÇÃO DE  
GABRIELE CORNELLI E RODOLFO LOPES

---

*CoimbraCompanions*

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# VIII

---

## LINGUAGEM

José Gabriel Trindade Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Seguindo Parmênides, o programa epistemológico desenvolvido nos diálogos platônicos usa a linguagem para dirimir as controvérsias sobre o conhecimento (Parm. B7.5b; *vide Phd.* 99e-sqq.). Platão contextualiza os pressupostos em que assenta a estrutura antepredicativa da argumentação eleática (Parm. B2<sup>1</sup>) na matriz predicativa que permitirá ao conhecimento atingir a realidade.

É possível dividir o programa platônico pelos três grupos em que é costume ordenar os diálogos. Enquanto (1) o grupo elêntico se dedica à formulação da teoria do λόγος; (2) o grupo que associa a Reminiscência (R) à Teoria das Formas (TF) concentra-se no duplo problema da participação e predicação. Finalmente (3), libertando a TF do dualismo estrito da sua ‘versão canônica’, o *Teeteto* e o *Sofista* propõem uma versão revista da participação e predicação.

---

1 Sem sujeito e predicado, as formas verbais – ‘que é/que não é’ (B2.3, 5) – não devem ser lidas como cópulas, mas, autoreferencialmente, como nomes: ‘os únicos que podem ser pensados’ (B2.2). A ‘incognoscibilidade’ de ‘o que não é’ (B2.6-8a; B8.17b) obriga a ‘abandonar’ (B8.17a) ‘que não é’ e ‘escolher’ ‘que é’ (B8.16b-18), ‘como a única via’ de investigação, inserindo num contexto antepredicativo a tese do ‘monismo predicativo’ (*vide* Curd, 1991, 242-243).

## (1) ΔΙΑΛΟΓΟΣ ΕΛΕΝΤΙΚΟΣ

## Ἐλεγχος

Usando a pergunta ‘O que é X?’ para obter do seu interlocutor um ‘enunciado predicativo’ (λόγος), Sócrates consegue sempre refutá-lo porque o leva a aceitar contraexemplos, dos quais extrai o αντίλογος que contradita o inicialmente apresentado.

O seu objectivo não é provar a falsidade do λόγος avançado pelo interlocutor. É este que, ao aceitar o αντίλογος, cai na aporia, por ter anuído a dois enunciados contrários. Enquanto, no plano dramático, este resultado confirma o diagnóstico socrático do ‘nenhum valor’ do saber humano (*Ap.* 23a-b), no plano argumentativo, impõe a *consistência* como princípio regulador do saber infalível (ἐπιστήμη) e o λόγος como meio de validação desse saber (*Pbd.* 99e-100a).

## Λόγος

Platão usa a linguagem como instrumento de pesquisa. Encarando o λόγος como prova de ‘saber’ (*Pbd.* 78d, 85c-d; *R.* 533c; *Tbt.* 202c), o ἔλεγχος decorre no confronto do saber de Sócrates com o do seu interlocutor<sup>2</sup>. Esta estratégia só é derrotada quando o interlocutor rejeita o ‘enunciado predicativo’ e o encara como um nome<sup>3</sup>.

Ora, se o λόγος é correntemente aceite como nome, a exigência socrática de o ler como a relação entre o ‘definido’ e o ‘definidor’ (*Men.* 71b, 72a-77b) ganha alcance metodológico. No diálogo entre os participantes no debate, a linguagem do quotidiano é livremente usada, sem que o texto escrito revele os equívocos sistemáticos que opõem Sócrates aos seus interlocutores. Só as refutações tornam patente o fato de os termos definidos – e.g. ‘Justiça’,

2 Embora os contraexemplos fornecidos sejam avaliados pela experiência dos disputadores, o que conta para a refutação é o fato de serem aceites por consenso.

3 No *Eutidemo* (283e-284c, 286a-c), Platão mostra que os dois sofistas lêem um enunciado como se fosse um nome; no *Crátilo* (429b-430a), implicitamente atribui a Crátilo essa concepção. No *Sofista* (251b-c) atribui aos ‘que aprenderam tarde’ a teoria que confere ao λόγος uma função nominal, inviabilizando a predicação. Referindo fontes posteriores, Denyer (1991, 24-45), cita textos relativos a Pródico e Antístenes para referir a leitura do λόγος como nome. Vide Giannantoni (1990, II, 137-226; I, 461-468; I, 503-518).

‘Piedade’, ‘Coragem’, ‘Virtude’ etc.) – serem diferentemente entendidos pelos contendores<sup>4</sup>.

Enquanto o interlocutor defende a sua pretensão a um saber que é obrigado a assumir<sup>5</sup>, Sócrates impõe as Formas como referentes pressupostos pelas suas perguntas<sup>6</sup>, reforçando a sua aceitação pelo interlocutor através das exigências formais a que deverá atender para dar uma boa resposta<sup>7</sup>. Deste modo, Platão anuncia a conversão dos pressupostos eleáticos<sup>8</sup> nas ‘propriedades eidéticas’ das Formas<sup>9</sup>, usando-as para denunciar a insuficiência epistêmica dos praticantes das ‘artes e técnicas’.

## (2) DIÁLOGOS SOBRE A TF

A simplicidade com que este modelo de pesquisa é aplicado a uma infinidade de situações dialéticas acaba, com o abandono do contexto agonístico. Pois, num contexto heurístico, Platão é obrigado a criar a terminologia filosófica que lhe permite aprofundar os pressupostos da metodologia elênctica.

Para descrever e aplicar as ‘teorias’ da Reminiscência e das Formas, são cunhados termos como ‘Forma’ e ‘entidade’ (εἶδος, οὐσία), além de expressões

---

4 A espontaneidade das respostas de Ménon patenteia a distância a que a sua concepção da ἀρετή se acha da de Sócrates. No entanto, este abismo pragmático é anulado pela tradução ‘virtude’, que confere à ἀρετή um caráter ético e gnosiológico, alheio à generalidade dos interlocutores de Sócrates.

5 Há que distinguir a simplicidade de Ménon, ou de Laques, do refinamento dos sofistas e oradores (sejam Hípias, Crítias, Protágoras, Cálicles, ou Trasímaco), que se têm por ‘homens sabedores’. Personagens como Nícias ou Íon, ou mesmo Êutifron situam-se entre os dois extremos.

6 Santas (1979, 84-96) aponta as Formas como pressupostos da metodologia elênctica. Os interlocutores são refutados por não conseguirem satisfazer a exigência epistêmica que lhes exige ‘definições’ adequadas de Formas, como as acima referidas.

7 Uma única resposta que cubra a totalidade dos casos nomeados pela entidade investigada; que permita a substituição do definido pelo definidor (*Euthphr.* 11e-11b) em contextos transparentes (*Prt.* 331c). Vide *Euthphr.* 5d, 6e; *La.* 192a-b; e, sobretudo, *Men.* 72-76.

8 Verdade, unidade (Parm. B2), ingenerabilidade e incorruptibilidade, imobilidade e imutabilidade, indivisibilidade, completude (B8), exigidas pela cognoscibilidade de ‘o que é’.

9 ‘Perfeição’, ‘imutabilidade’, ‘eternidade’, etc. Vide *Smp.* 211a-b.

como ‘o próprio’ X (αὐτὸ τό), X ‘em si e por si’ (αὐτὸ καθ’ αὐτό). A nova terminologia é inserida em textos povoados por metáforas, sugestivas da convergência dos planos onto-epistemológicos contrapostos, do ‘visível’ e do ‘inteligível’.

### Dualismo e onto-epistemologia

A fim de compatibilizar a ‘estabilidade’ (*Phd.* 78c-e; *R.* 479a, *passim*: κατὰ ταῦτὰ καὶ ὡσαύτως) do saber com a ‘insanidade’ (*Cra.* 440c; *Phd.* 90c, *passim*: οὐδενὸς οὐδὲν ὑγιές) do mundo das ‘opiniões’, Platão insere as investigações numa matriz dualista, que tenta unificar pela argumentação. No *Fédon*, para que a reminiscência funcione, é necessário que ‘os iguais’, que ‘aspiram a ser como o Igual’ (74b), exibam as ‘propriedades’/‘predicados’ (*Phd.* 102d-e, 103b: τὸ ἐν ἡμῖν εἶδη: ‘Formas em nós’; 103e: μορφή: ‘forma’), que dele ‘participam’<sup>10</sup> (100d-e).

No entanto, esta abordagem ontológica é inseparável dos seus apoios epistemológico e lógico. Não só as duas naturezas contrapostas são ‘captadas’ pelas ‘competências’ (*R.* 477c-478e) paralelas, mas distintas, da ἐπιστήμη (‘saber’) e da δόξα (‘crença’/‘aparência’/‘opinião’), como exprimem em enunciados com diferentes estatutos (*Ti.* 29b-c) os ‘predicados’ sensíveis (a multiplicidade das ‘coisas belas/feias’, ‘justas/injustas’, ‘dobros/metades’ etc.: *R.* 479a-c) e as Formas imutáveis que aqueles ‘imitam’ (*Phd.* 75a-76a).

O problema que Platão quer resolver é o de como enunciados predicativos (‘X é Y’) são usados para descrever um mundo ‘que rola entre o não-ser e o ser puro’ (*R.* 479d), no qual, em contextos submetidos à ‘compresença de opostos’ e ao ‘fluxo’, as Formas ‘entram’ e ‘batem em retirada’ (*Phd.* 102d-e) dos ‘objectos’<sup>11</sup> que causam e aos quais ‘dão o nome’ (*Phd.* 102a-b; *R.* 596a; *Prm.* 130e: ἐπωνυμία).

10 Para que alguém diga que dois sensíveis ‘são iguais’ precisa de ter previamente (na mente: ἐννοεῖν) a noção de ‘Igual’. É-lhe também exigido que não confunda essa noção (‘perfeita’ etc.) com o predicado homónimo (‘variável’ etc.) que a imita. Note-se que a noção de ‘Forma’ é incompreensível e inútil sem a de predicado, que recolhe a Forma do sensível e a ele a aplica através da linguagem.

11 Nenhum termo grego corresponde a ‘objecto’. Espera-se que o percebido, a que é atribuído um nome, seja cópia da Forma epónima.

A dificuldade do problema reside na dupla constituição e orientação das relações entre as naturezas referidas e os ‘estados psíquicos’ (R. 511d: παθήματα ἐν τῇ ψυχῇ) que asseguram a sua captação. Se, no sentido descendente – de uma perspectiva ontológica –, é necessário que o sensível seja causado/explicado<sup>12</sup> pelo inteligível; no sentido ascendente – numa perspectiva epistemológica –, é exigido que através de enunciados (διὰ λόγων) se possa chegar ao saber. Para resolver esta dupla dificuldade, Platão compõe as três analogias: do Sol, da Linha e da Caverna (R. 508a- 534e).

Deixando de lado o Sol, cuja função é introduzir o dualismo sensível/inteligível, tanto a Linha como a Caverna visam finalidades cognitivas. À primeira leitura, a Linha articula a cognição em quatro interfaces onto-epistemológicas. Todavia, a dupla perspectiva pela qual é observada a sua estrutura – externa e interna – mostra que aos dois primeiros níveis (de baixo para cima) cabe a função propedêutica de ilustrar a analogia. Assim como as sombras (espelhos, reflexos) imitam entes físicos, definindo o domínio do ‘visível’/‘opinável’, também as Formas susceptíveis de representação imitarão as ‘invisíveis’, constituindo o domínio do ‘cognoscível’ (509e-510a).

Todavia, mal aborda a análise dos entes/operações agrupados nos segmentos que constituem a secção superior da Linha, a analogia passa da imitação dos originais pelas imagens para a dos dois modos de captação do inteligível, levando a ‘imitação’ a deslocar-se, das naturezas imitadas para os modos de imitação<sup>13</sup>.

Enquanto no segmento inferior da secção inteligível, através da geometria, *a alma* usa *como imagens* as ‘coisas então<sup>14</sup> imitadas<sup>15</sup>’ (originais sensíveis), na secção superior, através da dialéctica, investiga as próprias Formas (originais inteligíveis). A geometria imita a dialéctica, dado ambas visarem o ser (526e-527c, 532a-533a), embora sigam metodologias distintas (510c-511d),

12 Αἰτία significa simultaneamente ‘causa’ e ‘explicação’. Aquilo que faz com que algo seja de certo modo, ao mesmo tempo que aponta a razão pela qual é assim.

13 As ‘imagens’ (εἰκόνες) visíveis imitam os seus ‘modelos’ invisíveis (‘o que se assemelha ao que se assemelha’: 510a11).

14 Τότε remete para os segmentos da secção visível.

15 Como Pereira (2011) e a maioria dos tradutores, prefiro a versão do manuscrito Parisinus 1807 (μιμητεῖσιν) à atestada no *Vindobonensis* 55 (τηθεῖσιν), implicando que os ‘originais’ visíveis são aqui tratados como imagens.

implicitamente mostrando que a passagem do ‘entendimento’ ao ‘saber’ se faz pela linguagem.

Platão avisa que, enquanto a cognição ficar compartimentada entre imagens e originais, não será possível o trânsito entre as duas competências cognitivas<sup>16</sup>, tornando a ‘crença’ num pântano (*R.* 533d1-2) e o ‘saber’ de todo inacessível. Que fazer então da filosofia (*Prm.* 133a-135c)? Este é o problema com que se confronta o *Teeteto*.

### (3) DIÁLOGOS CRÍTICOS

#### O *Teeteto*

Poucas vezes se terá notado que, embora o *Teeteto* seja dominado pelas três perguntas que dirige ao saber (ἐπιστήμη), a quase totalidade do que é dito nas respostas diz respeito à ‘crença/opinião’ (δόξα)<sup>17</sup>.

Ao concluir que o saber se acha ‘no raciocínio sobre as *afecções*’ (186d: παθήματα), Sócrates confere-lhes lugar na cognição. Resta determinar como, a partir de opiniões, verdadeiras ou falsas<sup>18</sup>, sobre as sensações, se pode chegar ao saber infalível.

Todavia, enquanto não houver trânsito entre ‘o que não é’ (como coisa, conhecimento ou percepção) e ‘o que é’, a opinião falsa é impossível (188a-189a). A análise da δόξα na sensopercepção, memória e pensamento mostra que, se a falsidade é incompatível com a infalibilidade do saber (189b-201c), não é possível chegar a este a partir da outra. Restará apenas alargar o exame à linguagem (201c *ad finem*).

Deixando de lado o problema da opinião falsa, a nova abordagem concentra-se em determinar como um enunciado explicativo (λόγος) pode atingir o saber. Acaba por concluir que não pode porque ou a opinião é

---

16 A proposta supera a dificuldade a que chegara a análise do visível: ‘quanto a ‘verdade’ e ‘não-[verdade]’, assim como o opinável está para o cognoscível, o que se assemelha está para aquilo a que se assemelha’ (*R.* 510a9-11).

17 Entendida simultaneamente como uma competência cognitiva, o seu exercício e o enunciado que a fixa verbalmente (*Tbt.* 189e-190a; vide *R.* 477c9-d5).

18 Mesmo que o facto de as sensações serem sempre verdadeiras (*Tbt.* 152c, 188e-189a) leve cada um a pensar que as suas opiniões também o sejam (179c).



falsa e o enunciado não pode ser verdadeiro, ou é verdadeira e o enunciado nada lhe acrescenta (208c-210b; *vide* 189e-190a). Após esta conclusão, torna-se necessário praticamente reinventar a função da linguagem na investigação do real. Esse programa é desenvolvido no *Sofista*.

### O *Sofista*

Neste diálogo, a linguagem é usada para atingir duas finalidades complementares: 1) formular linguisticamente problemas filosóficos (237d-245d); 2) definir e aplicar os conceitos e teorias que permitem propor soluções adequadas à resolução desses problemas (253d-259b).

### Aporias

A primeira secção aporética (237d-241b) é dedicada às aporias patentes quer em usos correntes e tradicionais de ‘o que não é’ (237d-239b), quer em expressões nas quais são usadas formas do verbo ‘ser’ para relacionar originais com as suas imagens (εἰκόνας, εἰδῶλα) e simulacros (239d-240b: φαντάσματα).

O primeiro tipo de problemas é criado pela impossibilidade de ligar ‘o que não é’ a ‘algo que é’, a ponto de se poder alegar que quem o fizer nem sequer fala (237e, 238c, e, 239a). Um primeiro exemplo do segundo tipo de problemas acha-se contido numa frase como: ‘uma imagem é uma imagem, mas não é (verdadeiramente) um original’ (a partir de 240a-b). Um segundo exemplo acha-se condensado na tese de que existem opiniões falsas (240d-241a), que opinam ‘as coisas que não são’ (240d), e afirmam que ‘o que não é’ é e ‘o que é’ não é (240e).

Na segunda secção aporética, o Hóspede de Eleia (HE) concentra-se nas dificuldades geradas pela expressão ‘o que é’, bem como sobre o simples uso de formas do verbo ‘ser’ para descrever o real, na tradição reflexiva e no discurso corrente (242d-245d).

As doutrinas daqueles que propuseram concepções sobre ‘o que é’ (ou ‘o ser’) agrupam ‘monistas’ e ‘pluralistas’. No entanto, todos sustentam que ‘o que é’ é também qualquer *outra coisa ‘que é’*. Por exemplo, como podem os pluralistas defender que ‘o que é’ é ‘quente e frio’? Quando afirmam que

é ‘quente’ e ‘frio’ defendem que os três ‘são’, apenas dois ou só um deles<sup>19</sup> (243d-e)?

Por sua vez, quando os monistas postulam que ‘só um é’ (244b), a que dão os nomes ‘ser’ e ‘um’? Como podem sustentar que são dois nomes, quando dizem também que ‘o tudo é um’, apesar de que só ‘um é’ (244b)? ‘Servem-se de dois nomes para o mesmo’ (244b-c)? Então, o nome que usam é diferente ou o mesmo que a coisa? Se é o mesmo, é nome de nada ou nome do nome, ‘nome de um’ e ‘um do nome’ (244d)? E ‘o todo’: é outro ou o mesmo que ‘o um’ (244d)?

Finalmente, pode ‘o que tem partes’ ser um, sendo ‘todo e ser e todo um’, embora não ‘o próprio um’ (pois ‘o um não pode ter partes’: 245a)? Então, se ‘é um por ter a afecção do um’<sup>20</sup>, será ou não ‘um todo’ (245b)? Se tem a afecção do um, não é o mesmo que ele, e ‘todas as coisas serão mais do que um’, ou então ‘o ser é carente de si mesmo’ e ‘será não sendo’ e ‘não virá a ser’ (245c-d). Então, como ‘o que vem a ser’ vem ‘a ser sempre como um todo’, se o um e o todo não são, não se pode falar de entidade (οὐσία), de geração (γένεσις), nem de nada que tenha quantidade (245d).

### Análise das aporias

Todos estes problemas partem de Parménides ou de leituras sofísticas do argumento do *Da Natureza*, decorrendo do conflito entre o contexto antepredicativo em que estão inseridos e a concepção do λόγος como ‘enunciado predicativo’, em que o HE os coloca. A atenção que lhes é conferida pelo *Sofista* sugere envolverem problemas relevantes para o lançamento das bases da investigação em filosofia.

Platão aborda-os pelas vertentes ontológica, epistemológica e lógica<sup>21</sup>:

1. ‘o que não é’, ‘negativa’ (237d-241a; 255e-259b, 257b-c);
  - 1.1 ‘imagem’ (239d-241a; 255b-258e, 263d);

19 Ou seja, que o ‘o ser é quente [e é] frio’, ou que ‘o ser é (o mesmo que) o quente e o frio’?

20 Quer dizer, se lhe é atribuída a ‘unidade’ como predicado.

21 Indico primeiro o local da referência ao problema; depois, separado por ponto e vírgula, o da solução para ele proposta.

- 1.2 'opinião falsa' (240d-241a; 263b-d);
- 2. 'o que é', 'o ser' (242c-245d; 247d-251a, 253d-259b);
- 2.1 'unidade' (243d-245d; 255a-b);
- 2.1.1 'nome' e 'atributo' (244b-245d; 255a-b);
- 2.2 'participação' (245a-d; 256a).

### Resolução das aporias

O problema de 'o que não é' só é solucionado com a introdução do Não-Ser. Constituindo o quinto Sumo Género e apoiado na reformulação do sentido da negativa, que, de 'contrário' passa significar o 'diferente' (257b-c), o Outro faz do Não-Ser 'um outro Ser'.

Quanto ao problema da imagem, a sua resolução depende da distinção das leituras atribuídas a enunciados formados com o verbo 'ser'. É trabalhado na definição das relações entre os sumos géneros e referido na síntese sobre a linguagem que conclui a secção central do diálogo. O problema da 'opinião falsa' é aí resolvido pela definição da 'verdade'/'falsidade' como 'qualidades dos enunciados' (263b-d).

Apesar de os problemas de 'o que não é' terem sido apresentados em primeiro lugar, como a sua resolução depende dos resultados encontrados para os postos por 'o que é', o HE postula a 'paridade' entre ambos (250e-251a; 254b-c), trabalhando-os a partir do início da análise das relações entre Ser e Não-Ser (250a-259b).

Estabelecida a tese de que algumas coisas, mas não todas, se misturam com outras (249c-d; 252e-253a; 254b-c), o HE postula como três dos Sumos Géneros<sup>22</sup>: o Movimento, o Repouso e o Ser<sup>23</sup> (249d-250a). Mas como é possível incluir numa classe estas duas entidades, que são 'o mais opostas' uma à outra (250a-b; 252d)?

---

22 Um 'sumo género' pode ser entendido como uma das mais amplas classes de entes: 'as (coisas) que são'. Os três primeiros dividem-se em 'o que é' e as '(coisas) que se movem' e as 'imóveis'. Adiante, são introduzidos 'o Mesmo' e 'o Outro' para caracterizar as relações entre eles.

23 Sumariamente afastando a tese eleática da imutabilidade/imobilidade de 'o que é' e o dualismo estrito dos 'amigos das Formas'.

Este tipo de inclusão de classes que, não obstante *serem*<sup>24</sup>, não podem se identificar nem uma com a outra, nem com o Ser que as inclui, obriga a explicar o seu ‘envolvimento’ como uma relação até aqui não registada, à qual é dado o nome de ‘participação’<sup>25</sup> (250b; *vide Phd.* 102d-e).

### A dialéctica

Expostas as contradições internas das duas teses que defendem – uma, a imobilidade, outra, o fluxo incessante do ‘tudo’ (251d-252c) –, é reafirmada a ‘participação’ de algumas coisas nas outras (253a; vide 253d-e). Sobre ela se apoia a prática do ‘dialéctico’, ‘capaz de dividir os entes por classes’, sem confundir cada uma com as outras (253d).

O quadro exaustivo das relações possíveis entre os géneros fica fixado nas quatro perspectivas que se deparam ao *olhar* do dialéctico: 1) uma Forma envolvendo muitas outras; 2) por sua vez, envolvidas por ela; 3) uma só Forma, integrando vários conjuntos; 4) muitas outras, separadas (253d-e).

A consideração deste quadro permite acrescentar aos três géneros já apontados dois mais, cuja função é permitir o relacionamento lógico e epistemológico dos primeiros três. O Mesmo e o Outro são os novos géneros, que consentem ao dialéctico identificar e caracterizar cada género em si, observando as relações que mantém com um, ou mais, entre os restantes<sup>26</sup>.

Essas possibilidades de combinação são expressas através da dialéctica dos sumos géneros (254d-256d), que conclui a definição do Ser (iniciada em 247d), e é rematada pela dedução do ‘outro do Ser’: o ‘Não-Ser’ (256d-259b).

A dialéctica dos sumos géneros constitui a matriz das relações consentidas entre as Formas, distinguindo os ‘nomes’ das Formas dos ‘predicados’ que

---

24 Nas diversas proposições em que o verbo ‘ser’ pode usado: existenciais, identitativas e predicativas (254d-256e).

25 Embora todas as coisas se achem em movimento ou em repouso, o Ser ‘emergiu fora destas’ (250d). A abordagem do problema da ‘participação’ visa permitir que um ‘todo’ inclua outros ‘todos’, sem que estes contem como ‘partes’ suas (como acontecia com ‘o ser é quente e frio’ em 243d-e).

26 Ao contrário dos primeiros, estes géneros não representam Formas existentes em si, mas possibilidades de combinação destas.

através delas são conferidos às coisas que delas participam<sup>27</sup>. É de extrema relevância notar que, implícita nesta distinção, está a tese da referência dos ‘nomes’ às coisas, que os sofistas contestavam (*vide supra Eutidemo, Crátilo; Sof. 244b-d*).

### Participação

O exame destes passos permite responder aos problemas elencados acima, em 2). Sabemos agora que o Ser é o Tudo e o Todo, envolvendo os outros Todos<sup>28</sup>. A circunstância de estes não contarem como suas partes constitui a definitiva resolução do problema da ‘participação’.

Todo o argumento visa o objectivo último de desmascarar a estratégia refutativa atribuída ao sofista, condensada na tese, geradora de aporias, da impossibilidade da falsidade e da contradição (240a-b). Para tal, será ainda necessário combinar o Não-Ser com a opinião e o discurso (ou ‘enunciado’: λόγος em 260b).

### Enunciado e predicação

O ‘enunciado’ é distinto do ‘nome’ (262b-d) por ser constituído pela combinação de nomes e verbos<sup>29</sup> (262b-c), exprimindo ‘o que é dito acerca de algo ou alguém’<sup>30</sup> (263a, c). Da sua natureza relacional resulta a caracterização da ‘verdade’/‘falsidade’ como ‘qualidades’ da relação e não das partes que a constituem (263b-d). Com estes três passos, o enunciado é remetido à função de ‘afirmar e negar’ (263e), distinguindo o discurso predicativo da concepção antepredicativa, que as leituras sofisticadas exemplificavam.

---

27 Por exemplo, ‘os móveis’ participam do Movimento’ – movem-se –, “os imóveis’ do Repouso’ – estão parados; ‘o Outro é outro em relação aos outros’, e assim por diante (255a-b, *passim*).

28 Desta forma constituindo também o Uno como agregador de todas as outras unidades.

29 O ‘nome’ indica entidades (262b-c) e o verbo (ῥῆμα) significa acções (262b), mas só o enunciado os combina (262d-e; *vide 259e; Tht. 202b*).

30 A partir de Aristóteles, as partes do enunciado serão designadas como ‘predicado’ e ‘sujeito’.

Uma a uma, as inovações assinaladas pela argumentação do HE convergem numa nova concepção da investigação do real. A aplicação ao discurso da leitura da negativa como ‘diferença’ consome a desarticulação da tese sofisticada sobre a impossibilidade da falsidade e da contradição. Encarado como *diferença* do Ser, o Não-Ser deixa de poder ser identificado com a falsidade. Finalmente a anulação da contrapolar identidade de ‘o que é’ com a Verdade liberta para sempre o discurso da estrutura antepredicativa em que a argumentação eleática o tinha encerrado.

### Imagem

As aporias sobre a natureza da ‘imagem’ (240a-b) são produzidas pela dupla identidade ser/não-ser = ‘verdade/falsidade’. Desfeita esta, o enunciado não mais terá de oscilar entre identidade e contradição para manifestar a sua força copulativa.

Enquanto a matriz do Mesmo gera enunciados identitativos, o Outro regula a utilização da negativa (256a-b). Expressando a comunhão de entidades diferentes, a ‘participação’ suporta os enunciados predicativos. Por fim, os enunciados existenciais registam a participação no Ser<sup>31</sup>.

Esta tarefa de ‘desambiguação’ das leituras atribuídas a enunciados formados com o verbo ‘ser’ resolve problemas como os que são postos pela natureza da imagem<sup>32</sup>. O tipo específico de participação no Outro, responsável pela produção de imagens, é explicado pela intervenção da ‘imaginação’ (φαντασία) e definido como a ‘mistura da opinião com a sensação’ (264a-b).

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

Diels, H. & Kranz, W. (1951-2). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Hildesheim, *griech. u. deutsch*, I-III.

31 Por exemplo, ‘[O Movimento] existe por participar do Ser’ (256a); ‘todas as coisas ... são e existem por participarem do Ser’ (256e).

32 Que ‘é’, em relação a ela mesma, e ‘não é’, por participar do Outro (em relação ao original de que é imagem: 256a-b).

## Sócrates e socráticos

Giannantoni, G. (1990). *Socratis et Socraticorum Reliquiae*. Napoli: Bibliopolis, IV vols.

## Platão

Plato. *Platonis Opera*. (1900-1907). Oxford: Oxford University Press, ed. I. Burnet, I-V.

### Traduções portuguesas:

Platão. (1988). *Fédon*. Coimbra: INIC, trad., introd. e notas de M. T. S. Azevedo.

\_\_\_\_ (1994a). *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: Imprensa Nacional, trad., introdução, notas e posfácio de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (1994b). *Ménon*. Lisboa: Colibri, trad. e notas de E. R. Gomes, 'Introdução' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (1999a). *Eutidemo*. Lisboa: Imprensa Nacional, trad., introdução, notas de A. M. M. F. Nogueira.

\_\_\_\_ (1999b). *Protágoras*. Lisboa: Relógio d'Água, trad., notas A. P. Pinheiro.

\_\_\_\_ (2001a). *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (2001b). *Parmênides*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. de M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (2004). *Timeu*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. de M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (2005). *Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad. A. Nogueira e M. Boeri, 'Prefácio' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (2011). *O Sofista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad. de J. Maia Jr et al, 'Introdução' de J. T. Santos.

\_\_\_\_ (2012). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad., introd. e notas de M. H. da R. Pereira.

## Bibliografia secundária

### Livros

Denyer, N. C. (1991). *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London: Routledge.

Frede, M. (1967). *Prädikation und Existenzaussage*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Guthrie, W. (1965). *A History of Greek Philosophy* II-V. Cambridge: Cambridge University Press.

Kahn, C. H. (2003). 'Introduction', 'The Verb 'Be'...''. Indianapolis: Hackett.

\_\_\_\_ (1973). *The Verb 'Be' and its synonyms, The Verb 'Be' in Ancient Greek, Philosophical and grammatical studies*. Dordrecht/Boston: Reidel, edited by W. M. Verhaar.

McCabe, M. M. (1994). *Plato's Individuals*. Princeton: Princeton University Press.

Mourelatos, A. P. D. (1970). *The Route of Parmenides*. New Haven/London: Yale University Press.

Palmer, J. (1999). *Plato's Reception of Parmenides*. Oxford: Oxford University Press.

Pimenta, M. M. (2006). *Platão, O pensador da diferença, Uma leitura do Sofista*. Belo Horizonte: UFMG.

Rosen, S. (1983). *Plato's Sophist, The Drama of Original and Image*. New Haven/London: Yale University Press.

Santos, J. T. (2012). *Platão: a construção do conhecimento*. Lisboa/São Paulo: Gradiva/Paulus.

\_\_\_\_ (2008-09). *Para ler Platão*. São Paulo: Loyola, vol. I-III

## Colectâneas

- Hermann, A (ed.). (2012). *Presocratics and Plato: A Festschrift in honour of Charles Kahn*, V. Karasmanis. Las Vegas: Parmenides Publishing.
- Kahn, C. H. (2009). *Essays on Being*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_ (s. d.). Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser. In M. Iglésias & I. Franco (orgs.). *Cadernos de Tradução*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Série Filosofia Antiga.
- Fine, G. (ed.). (2008). *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_ (ed.). (1999). *Plato I*. Oxford: Oxford University Press.
- Gentzler, J. (ed.). (1998). *Method in Ancient Philosophy*. Oxford: Oxford University Press.
- Everson, S. (ed.). (1994.) *Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kraut, R. (ed.). (1992). *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Allen, R. E. & Furley, D. (eds.). (1975). *Studies in Presocratic Philosophy* II. London: Routledge.
- Vlastos, G. (1975). *Platonic Studies*. Princeton: Princeton University Press.

## Artigos

- Ackrill, J. (1957/1965). Plato and the Copula: *Sophist* 251-259, rep. in *Studies in Plato's Metaphysics*, 207-218; originalmente 1957.
- \_\_\_\_\_ (1957a/1970). *Symplokê Eidôn*. *Plato I*, 201-209.
- Brown, L. (2012). Negation and not-being: Dark Matter in the *Sophist*. *Presocratics and Plato*, 233-254.
- \_\_\_\_\_ (2008). The *Sophist* on Statements, Predication and Falsehood, *The Oxford Handbook of Plato*, 437-462.
- \_\_\_\_\_ (1999). Being in the *Sophist*: a Syntactical Enquiry. *Plato I*, 455-478, originalmente 1986.
- \_\_\_\_\_ (1994). The Greek Verb 'Be', Some Remarks. *Language*, 212-237.
- Curd, P. (1991). Parmenidian Monism. *Phronesis* XXXVI/3, 241-264.
- Fine, G. (1986). Immanence. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* (OSAPh) IV, 71-98.
- \_\_\_\_\_ (1984). Separation, *OSAPh* II, 31-88.
- Frede, M. (1992). Plato's *Sophist* on False Statements. *The Cambridge Companion to Plato*, 397-424.
- Kahn, C. H. (1966/s. d.). The Greek Verb 'To Be' and the Concept of Being. *Foundations of Language* 2, 245-265; *Iglésias-Franco*, 1-32.
- Nehamas, A. (1979). Participation and Predication in Plato's Later Thought. *American Philosophical Quarterly* 16, 93-103.
- Owen, G. (1970/1999). Plato on not-being. *Plato I*, 416-454.
- \_\_\_\_\_ (1960/1975). Eleatic Questions. *Studies in Presocratic Philosophy* II, 48-81.
- Santas, G. (1979). *Socrates. Philosophy in Plato's Early Dialogues*. London/Boston/Henley: Routledge and Paul Kegan.
- Santos, J. T. (2011). Pensando o Ser no Poema de Parmênides. *Hypnos* 26, 48-72.
- \_\_\_\_\_ (2009). Presença da identidade eleática na filosofia grega clássica. *Journal of Ancient Philosophy*, Vol. III, Issue 2, 1-41: in [www.filosofiaantiga.com](http://www.filosofiaantiga.com).